

REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

REFLECTIONS ON THE PARTICIPATION OF THE FAMILY IN THE SCHOOL OF CHILDREN'S EDUCATION

REFLEXIONES SOBRE LA PARTICIPACIÓN DE LAS FAMILIAS EN LAS ESCUELAS INFANTILES

Luciani Sartori Portella¹
Débora Araújo Leal²
Márcia Colaço Ferreira de Melo³
Agnaldo Ferreira de Melo⁴

RESUMO: Este artigo busca reflexões sobre a participação da família na escola de educação infantil, discute a importância da participação da família para o desenvolvimento e aprendizagem dos discentes de educação infantil. Trata o conceito de família na atualidade e as mudanças dos arranjos familiares na contemporaneidade. Discute-se a parceria entre a família e a escola, bem como os aspectos legais da educação infantil. Neste sentido, trazemos o problema: Quais fatores levam a família a não participar efetivamente da vida escolar da criança da educação infantil? O objetivo deste artigo é compreender a importância da relação família e escola na educação infantil. Assim como, tenta-se identificar as estratégias que a escola utiliza para atrair a presença da família na escola e compreender quais fatores levam a família a não participar efetivamente da vida escolar da criança.

2656

Palavras-chaves: Família. Participação da Família na Escola. Educação Infantil.

ABSTRACT: This article seeks reflections on family participation in early childhood education, discusses the importance of family participation for the development and learning of early childhood education students. It deals with the concept of family today and the changes in family arrangements in contemporary times. The partnership between the family and the school was discussed, as well as the legal aspects of early childhood education. In this sense, we bring the problem: What factors lead the family not to participate effectively in the school life of the child in kindergarten? The aim of this article is to understand the importance of the relationship between family and school in early childhood education. As well as, it tries to identify the strategies that the school uses to attract the presence of the family in the school and to understand what factors lead the family not to participate effectively in the child's school life.

Keywords: Family. Participation in the Family School. Early Childhood Education.

¹Mestranda em Educação.

²Pós-Doutora pelo Instituto Universitário Italiano de Rosário - IUNIR-AR.

³Discente em Psicologia pela Faculdade Internacional da Paraíba-(FPB).

⁴Doutorando pela Educaler College University/2023.

RESUMEN: Este artículo reflexiona sobre la participación de las familias en las escuelas infantiles y analiza la importancia de dicha participación para el desarrollo y el aprendizaje de los alumnos de las escuelas infantiles. Trata del concepto de familia en la actualidad y de los cambios en las estructuras familiares contemporáneas. Analiza la asociación entre la familia y la escuela, así como los aspectos jurídicos de la educación infantil. Teniendo esto en cuenta, nos planteamos el siguiente problema: ¿Qué factores llevan a la familia a no participar eficazmente en la vida escolar de los niños de educación infantil? El objetivo de este artículo es comprender la importancia de la relación familia-escuela en la educación infantil. También pretende identificar las estrategias que las escuelas utilizan para atraer la presencia de las familias en la escuela y comprender qué factores llevan a las familias a no participar eficazmente en la vida escolar de sus hijos.

Palabras-claves: Familia. Participación de la familia en la escuela. Educación infantil.

INTRODUÇÃO

Diante de várias discussões existentes sobre a educação oferecida às crianças do país, não poderíamos deixar de tratar da importância da participação da família para que a qualidade de ensino venha a ser alcançada. É a família o primeiro contato das crianças com o mundo, pois é onde inicia sua formação enquanto sujeito social e cognitivo, que se constrói na troca com familiares, nas vivências cotidianas, auxiliando a construção da sua identidade pessoal e social.

2657

A criança ao nascer já encontra um mundo organizado, seguindo os parâmetros construídos pela sociedade como um todo e assimilados pela própria família que, por sua vez, também carrega uma cultura própria. A criança é inserida em um ambiente que já tem um modelo, uma organização e, essas pessoas que irão receber o novo ser, serão as responsáveis por sua formação, tornando-a, quase sempre, sujeito reflexo do que lhe é ensinado e vivenciado. Com o tempo surge a escola como uma companheira para a realização desses processos formativos do sujeito. Ou seja, a escola possibilitará através de uma educação mais direcionada o desenvolvimento da sua formação cognitiva, intelectual e social. (SOUSA; FILHO, 2018, p. 84)

Neste sentido, estudar e compreender a relação entre os temas família e escola tem sido uma discussão constante, embora ainda seja um grande desafio para as educadoras das escolas de Ensino Fundamental e Educação Infantil. O trabalho com crianças e suas famílias faz parte do cotidiano escolar, pois sempre foi uma preocupação da escola entender como a família poderia intervir para a aprendizagem das crianças e relacionar-se bem com a escola a fim de buscar o bom desempenho escolar dos discentes através de uma parceria. A escola necessita abrir suas

portas e acolher as famílias, no entanto, vemos as famílias reclamarem do atendimento escolar e da falta de espaço para participarem. (TIBA, 2016).

Porém, algumas vezes quando se abre esse espaço a família não comparece ou quando se faz presente é como expectadora. Os estudos sobre a educação e sua importância para a construção de conhecimentos realizados durante a nossa trajetória acadêmica, vieram nos provocar e desenvolveu em nós o interesse em investigar, ou seja, aprofundar os estudos sobre Educação Infantil, modalidade da educação que é percebida como o início de uma caminhada e, se for bem planejada, poderá ser o impulso inicial para que a criança possa alçar voos em sua vida estudantil.

Considerada a primeira etapa da educação básica, a educação infantil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança como complementaridade entre educação e família. Isso nos faz perceber a família sendo citada como um das instituições importantes para o desenvolvimento escolar da criança e que se lhe oferecer o apoio necessário, poderá ser significativa para a construção do conhecimento historicamente construído pela humanidade.

Diante disso, considerando o dispositivo em Lei, as discussões no cenário educacional têm aprofundado muito a discussão sobre o papel da família e suas possíveis contribuições para a educação. Acreditando que se a criança tiver uma boa base educacional na educação infantil, poderá ter uma melhor aprendizagem na vida escolar subsequente, do mesmo modo que o afastamento da família e o descaso para com a aprendizagem da criança nesta fase escolar, poderá influenciar negativamente na vida estudantil da criança.

Surgiu a partir dessa inquietação o interesse de investigar acerca da não participação da família na construção da aprendizagem da criança na educação infantil, por perceber que as famílias estão cada vez se distanciando da escola, deixando uma função de responsabilidade que não compete apenas aos professores, mas a todos que participam ativamente no meio social em que a criança está inserida.

Neste sentido trazemos o problema: quais fatores levam a família a não participar efetivamente da vida escolar da criança da educação infantil? Considerando esse contexto, decidimos por investigar a problemática em questão, para que possamos então tentar descobrir uma forma de melhorar a interação entre essas duas instituições (família e escola), tão importantes para a aprendizagem da criança na primeira etapa da educação básica, de maneira

que possam ser parceiras uma da outra na construção do conhecimento, capazes de formar sujeitos valorosos e dignos de convívio social.

ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE FAMÍLIA

A família funciona como o primeiro e mais importante agente socializador do sujeito, sendo assim, é o primeiro contexto no qual se desenvolve padrões em que a criança constrói o seu modelo de aprendiz e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que vai se refletir na sua vida escolar.

A família é a responsável pelos cuidados físicos, pelo desenvolvimento psicológico, emocional, moral e cultural da criança na sociedade, desde o seu nascimento. Com isso, através dos primeiros contatos com a família a criança supre suas necessidades e inicia a construção dos seus esquemas perceptuais, motores, cognitivos, linguísticos e afetivos. Também é a partir da família que a criança estabelece ligações emocionais para o estabelecimento de uma socialização adequada. (SOUSA; FILHO, 2018, p. 27)

O ambiente familiar é responsável pela formação da “base de personalidade”, pois é onde a criança cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamentos – que vão se inscrevendo no interior dela e configurando seu mundo interior, funcionando como fator determinante no desenvolvimento da sua personalidade.

2659

[...] Todo o seu progresso psicológico foi realizado, até então, através das relações com outrem, principalmente os pais. De começo, a criança fundiu-se com as pessoas que a rodeiam, identificou-se com elas, foi invadida pela sua presença [...]. (SOUSA; FILHO 2018, p. 28)

Assim, a família tem um papel importante nas representações do mundo exterior, uma vez que este processo possibilita a criança viver o universal de forma particular e, dessa maneira, construir-se. Pelo fato de pertencer a determinado núcleo familiar, a criança recebe noções de poder, autoridade, hierarquia, além de lhe permitir aprender habilidades diversas, tais como: falar, organizar seus pensamentos, distinguir o que pode e o que não pode fazer, seguindo as normas da sua família, adequar-se às diferentes circunstâncias, flexibilizar e negociar. Desta forma,

Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores. Este sistema de valores só será confrontado no processo de socialização secundário, isto é, através da escolarização e profissionalização; principalmente na adolescência. (PILETTI, 2019, p. 35)

Muitos especialistas no assunto acreditam que o afeto encontrado no seio familiar pode ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar,

influenciando a velocidade com que se constrói o conhecimento, ou seja, quando a criança se sente mais segura, aprende com mais facilidade. Uma criança com boa estrutura familiar chegará ao processo de socialização secundário, na escola, com maior autonomia e segurança, facilitando suas relações e, conseqüentemente seu desenvolvimento integral.

Assim, é importante analisarmos a estrutura familiar, independente do tipo de arranjo familiar que a criança esteja inserida. Ressaltamos este aspecto, pois vivenciamos uma grande transformação do conceito de família na contemporaneidade, que precisa ser respeitada e levada em conta ao lidarmos com o cotidiano de nossos estudantes.

2.1 O conceito de família na contemporaneidade

O antigo arranjo familiar que compreendia o pai como chefe da família e provedor do sustento, a mãe como parceira nos cuidados da casa e educação dos filhos e a figura dos filhos como sujeitos que obedeciam e respeitavam os pais de forma incontestável, já é dificilmente observado na atualidade. Conforme dispõe o documento de Política Nacional de Assistência Social (PNAS),

Dentre essas mudanças pode-se observar um enxugamento dos grupos familiares (famílias menores), uma variedade de arranjos familiares (monoparentais, reconstituídas), além dos processos de empobrecimento acelerado e da desterritorialização das famílias gerada pelos movimentos migratórios. (PNAS, 2004, p. 26)

2660

A inclusão da mulher no mercado de trabalho e sua independência financeira, bem como as mudanças de paradigmas sociais, transformaram de forma assustadora a estrutura familiar. A discussão atual está relacionada à classificação dos diversos tipos de estruturas ou arranjos familiares que envolvem mães solteiras por abandono do marido, mães solteiras por opção, famílias sem filhos, famílias com poucos filhos, mães adolescentes, famílias de recasamentos, extinção de tios, entre outras.

Observamos um grande número de mulheres responsáveis pelo sustento familiar e que acumulam papéis dentro da instituição familiar os quais podem dificultar o processo de educação dos filhos, anteriormente sua principal função. Na concepção de Ariès (1978) sobre as transformações da estrutura familiar,

São quatro séculos de formação de um modelo que se instalou no pensamento dos ocidentais e que é mantido por várias instituições tais como a escola, igreja, sistema de justiça e os meios de comunicação. Não é de se estranhar que mudanças sejam difíceis de serem assimiladas. Devem se lembrar, de que há três séculos atrás a transformação para o atual modelo nuclear de família também foi vista com desconfiança, e, desde então, preconiza-se seu fim. (ARIÈS, 1978, p. 75)

Daflon e Sousa (2017), classificam os arranjos familiares em: família nuclear monogâmica, famílias dos recasamentos, famílias multinucleares, famílias com filhos adotivos,

famílias com filhos advindo das novas tecnologias de reprodução e/ou fertilização, família dissolvida com guarda compartilhada dos filhos, família uniparental com ônus de criação dos filhos somente do homem ou da mulher, família de casais homossexuais sem filhos, família de casais homossexuais com filhos, família que se projeta sem filhos para fins econômicos, família monoparental, família nuclear, família recomposta, família extensa dentre outras configurações.

Na contemporaneidade, vê-se a ambiguidade que se constitui a família conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 76),

Além da família nuclear que é constituída pelo pai, mãe e filhos, proliferam hoje as famílias monoparentais, nas quais apenas a mãe ou o pai está presente. Existem, ainda, as famílias que se constituíram por meio de novos casamentos e possuem filhos advindos dessas relações. Há, também, as famílias extensas comuns na história brasileira, nas quais convivem na mesma casa várias gerações e/ou pessoas ligadas por parentescos diversos. É possível ainda encontrar várias famílias coabitando em uma mesma casa. Enfim, parece não haver limites para os arranjos familiares na atualidade.

Contudo, a família foi e sempre será sinônimo de proteção e segurança. A família tradicional sempre foi idealizada com a estrutura básica de um homem (o pai) que trabalhe e sustente a família, a mulher (a mãe) que cuide da casa e eduque os filhos. Os dois em parceria acompanhariam a educação, promoveriam as necessidades básicas, auxiliariam na formação da personalidade e da escolha da profissão, até que os filhos pudessem tornar-se independentes, formassem sua própria família e assumissem sua própria responsabilidade. Com o tempo e a idade, os filhos cuidam dos pais que já estão com idade avançada e mantêm o equilíbrio social contínuo e permanente. No entanto, não é esse tipo de estrutura familiar que observamos no nosso cotidiano. (PILETTI,1989)

2661

Amazonas (2013) afirma que arranjo familiar é entendido como os membros da família, consanguíneos ou não, residentes no mesmo domicílio. As formas de funcionamento abrangem motivos como as relações hierárquicas com relação ao poder, as relações afetivas, a organização e o desempenho dos papéis familiares. A contemporaneidade é marcada por fortes mudanças e transformações sociais em todas as instituições, no entanto, a instituição que sofreu mais alterações na sua estrutura básica foi a família.

No entanto, mais importante que classificar ou nomear o tipo de família é entender a implicação destas mudanças para o desenvolvimento da criança, como pontua o documento da PNAS, quando afirma que “[...] essas transformações, que envolvem aspectos positivos e negativos, desencadearam um processo de fragilização dos vínculos familiares e comunitários e tornaram as famílias mais vulneráveis” (2004, p. 26).

Assim, famílias mais vulneráveis gerariam sujeitos também vulneráveis a influências externas, em especial pelo fato de as crianças na atualidade passarem mais tempo sem a supervisão dos pais ou responsáveis, podendo ser facilmente influenciadas pelos amigos e/ou círculos de convivência. Esse tipo de ação pode tornar os sujeitos mais frios, desrespeitosos e desvinculados dos valores morais familiares, o que inferirá diretamente no seu comportamento na escola. (FREIRE, 2000)

Apesar de tantas mudanças sofridas na estrutura familiar uma coisa não mudou, a família continua sendo à base da sociedade moderna e causa profundos impactos sociais, especialmente na escola. A família foi a primeira instituição criada em nosso planeta e representa um papel vital para manter a sociedade em equilíbrio, é a base para a criação de filhos e educação dos adolescentes, portanto a aprendizagem escolar está diretamente relacionada à base familiar em conjunto com a escola, pois a família "inculca modos de pensar e atuar que se transformam em hábitos" (LASCH, 1991, p.25), portanto, tem papel vital para o bom desempenho dos filhos na escola.

A importância da família também é destacada nas seguintes palavras de Dias (2010, p. 87): "A família não só dirige as próprias escolhas sociais e legislativas, mas determina operacionalmente a adaptação e o funcionamento das diversas instituições sociais". No entanto, com as mudanças sociais a educação dos filhos passou a ser desviado da família por falta de tempo e, com os pais ausentes por causa de trabalho e, às vezes, de outras famílias reconstituídas, o papel de educar foi transferido primeiramente para a escola, depois para a sociedade mais ampla e, por que não dizer, para a mídia. É sobre a relação entre família e escola a discussão que segue, haja vista que isso se constitui como aspecto importantíssimo para formação social e pessoal do sujeito.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, para efeito desse estudo utilizamos os postulados de Sousa; Filho (2018), Valadão & Santos (2019), PNAS, 2004, Ariés, 1978, Daflon e Sousa (2017), Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998), Amazonas (2003), Lasch 2014, Dias (2000), Freire (2000), Piletti (1989), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, Tiba (2016).

Para Minayo (2012, p. 21-22), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste estudo foi realizado através da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, e com base nos estudos de: observa-se que não existe possibilidade de desvincular a família da escola ou a escola da família. Na realidade se isso acontecesse estaríamos presenciando um erro grotesco na história da humanidade. A família vem passando por crises e essas crises afetam diretamente o desenvolvimento da criança e dos adolescentes e sua educação. Devido à ausência e pouco contato com os filhos, muitos pais permitem, a fim de minimizar os efeitos emocionais, uma liberdade excessiva, que pode ser confundida por muitos jovens como falta de autoridade a ser respeitada. Freire (2000, p. 29) afirma,

A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face a autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade.

2663

Essa é uma das grandes crises que vêm passando a família. A liberdade em excesso promove a falta de responsabilidade das crianças na realização das tarefas e das atividades de classe, promovendo também falta de respeito às autoridades e à figura do professor. Muitas são as justificativas para esse tipo de comportamento, levando a formação de jovens desrespeitosos e descontrolados. Para Lasch, (1991, p. 47),

A ‘educação oferecida’ pela família reflete na relação da criança com os colegas e com os professores, podendo gerar atitudes indesejáveis na escola que culminam em desobediência, agressividade, falta de respeito perante os colegas, professores e outros.

Faz-se necessário, assim, que haja sintonia entre a educação escolar e imposição de limites dada em casa, num clima de parceria entre família e escola, pois assim a criança poderá ser ajudada de forma mais completa. De acordo com Amazonas (2013, p. 50),

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma

divisão de responsabilidades.

Vimos com isso que as mudanças na estrutura familiar devem causar transformações na estrutura escolar. Piletti (1989, p. 151-153), há mais de vinte anos atrás, pontuou que,

Quanto à estrutura familiar nem os discentes pertencem a famílias com pai e mãe, com recursos suficientes para uma vida digna. Normalmente verificam situações diversas: os pais estão separados e o aluno vive com um deles, o aluno é órfão, o aluno vive num lar desunido, o aluno vive com algum parente. Muitas vezes, essas situações geram obstáculos à aprendizagem, não oferecem à criança um mínimo de recursos materiais, de carinho, compreensão, amor.

Nesta conjuntura de crise familiar, os valores estão cada vez mais em decadência e isto afeta diretamente o desenvolvimento do saber, pois “para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. (PILETTI, p. 47 e 52).

Portanto, é possível dizer que confiança e respeito são princípios raros de se desenvolver na atualidade devido à decadência de valores. Para que haja parceria nestas relações, a escola precisa direcionar o seu trabalho às reais necessidades da sociedade. É verdadeira a afirmativa de que a escola e o professor não substitui a família e os pais. Contudo, à medida que nos aproximamos da realidade familiar de nossos discentes, poderemos intervir de forma mais significativa em suas vidas, pois entenderemos seus desejos e buscaremos formas de organizar o processo educativo junto às possibilidades familiares.

Para Sousa; Filho, (2018 p. 98), “é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o sujeito. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito”. No entanto, o que temos observado é que a escola e a família são dois sistemas que, tradicionalmente, têm estado bastante afastados, sendo esse um erro célebre na educação e nossos jovens.

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprios adolescentes. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto a educação da criança. O filho vai tirar o lucro da discordância pai/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergências entre o pai e a mãe. (TIBA, 2016, p. 83)

Assim, a parceria entre a família e a escola é fundamental, ainda que esta seja uma relação que vem sofrendo desgaste. Temos visto que outrora os pais pareciam confiar na escola para educar seus filhos e davam razão ao professor. Na contemporaneidade observamos

comportamentos diferentes. Os pais apresentam-se na escola irritados, muitas vezes defendendo a posição de seus filhos como se fossem vítimas, sem nem mesmo ouvir outras versões ou analisar a situação por completo. Parece em alguns momentos que a família e a escola são concorrentes e não aliadas, esquecem-se que,

A escola faz um tipo de trabalho e a família outro. Ambas se complementam de forma maravilhosa e incrível para o bem-estar e a formação integral das nossas crianças. Mas nem uma nem a outra podem suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser um conjunto. (ARIÈS 1978, p. 24)

Enquanto houver discordância entre a família e a escola o aluno perceberá brechas para seu mau comportamento, muitas vezes buscando apoio na própria família que o defende em situações de erro. A interferência da família não está diretamente ligada apenas à formação da personalidade, mas também com os valores e à aprendizagem. Isso se dá devido ao fato de que a família é forte influenciadora da autoestima da criança e esta compromete a assimilação do conhecimento e o desenvolvimento do ser, pois está ligada a afetividade. A afetividade e os fatores emocionais são pontos de destaque no desenvolvimento de habilidades.

Portanto, um ambiente familiar conturbado dificulta o desenvolvimento da criança, causando-lhes problemas que podem deixar sequelas permanentes. As crianças observam pequenos sinais de desafeto ou agressão, conforme pontua Piletti (1989, p. 279): “Os pais que se amam tendem a amar também os filhos. Estes se sentem confiantes, seguros, amantes da vida” e estas características auxiliam na assimilação da aprendizagem.

2665

Muitos podem até fazer parte de um ambiente familiar bem estruturado, com todos os membros presentes, no entanto, a formação da personalidade pode estar corrompida pelas experiências negativas vivenciadas. As incisivas cobranças por melhores resultados e pressões podem fazer a criança desenvolver frustração e medo.

A educação que valoriza a ambição, o ter, mais do que o ser também interfere na aprendizagem do aluno. Nesse caso, os pais esperam que seus filhos alcancem resultados fora do comum e a criança pode desenvolver um falso sentimento de superioridade, que não se baseia na realidade, e ao mesmo tempo sentir-se frustrada, pois não consegue satisfazer as expectativas dos pais. Muitas vezes, esse tipo de educação é praticado por pais frustrados, na esperança de realizar através dos filhos o que não conseguiram por si mesmos (PILETTI, 1989, p. 151-153).

A valorização pela escola e pelo aprendizado, o respeito pelos professores e o estímulo para aprender precisa ser aprendido. Não adianta o professor sozinho tentar mostrar ao aluno a riqueza que é o saber. A desvalorização da educação dificulta tanto o trabalho do professor, quanto a aprendizagem, pois conforme (ARIÈS 1978, p. 80),

A estimulação ou a motivação para aprender devem ser compreendidas na relação entre os aspectos afetivos e cognitivos do sujeito, ambos dependentes do meio social. Assim, as crianças provenientes de contextos familiares que não conseguem valorizar a aprendizagem escolar tendem, na maioria das vezes, a não investir energia suficiente para aprender.

Em virtude da grande influência da escola para o desenvolvimento integral da criança, esta, como instituição formadora necessita buscar parceria e aproximação com a família, com finalidade de conscientizar os pais e responsáveis do seu grande papel no sucesso do futuro dos seus filhos. Esta parceria deve ser uma aliança firme e participativa desde os primeiros anos escolares. De nada adianta apontar a culpa, se o que realmente desejemos é encontrar a solução.

Mostrar aos pais de forma clara e objetiva que o clima familiar, o respeito, a formação dos princípios morais, a valorização pelo saber são características que vem da base, podem auxiliar na percepção de muitas famílias. O importante é todos saberem que o objetivo maior é auxiliar no bom desenvolvimento das crianças e comprometer-se com seu futuro. Conforme Piletti (1989, p. 54),

O vínculo, em seus aspectos biológico, social e afetivo é condição para o crescimento e desenvolvimento global da criança. Não há possibilidade de sobrevivência física e psíquica no desamor.

No entanto, muitos aspectos interferem no exemplo dos responsáveis pelas crianças, em especial quando eles não estão muito presentes e passam pouco tempo em casa. Mesmo quando a pessoa responsável não tem escolaridade ou não domina a leitura e escrita, pode valorizar a educação, mostrando as dificuldades que as pessoas que não possuem instrução passam.

É importante, pois, que os familiares estejam sempre presentes na escola e acompanhem a vida escolar e as atividades cotidianas dos seus filhos. Mas para que essa ajuda recíproca aconteça é necessário que a escola crie oportunidades para orientá-los como agir, pois na maioria das vezes eles erram por não saberem a melhor forma de educar, por não possuírem métodos adequados nem formação para este fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a escola precisa abrir espaço para que a família sinta-se à vontade para compartilhar momentos prazerosos com seus filhos, para que ela possa sentir-se responsável também pela educação que a escola oferece, enfim, criar um vínculo especial com a instituição em que seu filho passa parte significativa da vida.

Quando lidamos com a escola de forma democrática e participativa a realidade é

modificada, à medida que todos se sentirão responsáveis pelo sucesso e fracasso, visto que os resultados terão responsabilidade compartilhada. A escola não pode permitir ser a única responsável pela formação e educação do sujeito, como se fosse um depósito em que as famílias descarregam a carga de uma criança para ter a liberdade necessária de trabalhar e produzir o sustento.

Temos visto que a educação formal da criança de zero a seis anos de idade até pouco tempo não fazia parte da gama das preocupações daqueles que elaboravam as políticas educacionais brasileiras. A trajetória para se chegar a essa conquistas nos mostra uma história de lutas e reivindicações por parte dos movimentos sociais organizados que abraçavam esta causa, até que culminaram em leis.

Para quebrarmos essa barreira, a escola precisa criar estratégias do fortalecimento desta relação, criando um espírito de cooperação, pois o que mais observamos nas relações entre a escola e os pais é que houve uma transferência, na maioria dos casos, da responsabilidade de educar, não apenas ensinando conteúdo curricular, mas na formação dos valores morais exclusivamente para a escola.

Notamos que legalmente a educação de nossas crianças é compartilhada entre a escola e a família, não podendo ser transferida para apenas uma das instituições. A responsabilidade é mútua, contudo, a família deve ter maior preocupação, pois o vínculo da escola com os discentes é temporário.

Embora saibamos que as consequências da má educação e formação das crianças e adolescentes serão da sociedade em geral, compreendemos que o impacto mais forte será na família, que arcará com o sofrimento e responsabilidade, na medida em que é a primeira instituição em que o sujeito se percebe enquanto sujeito social.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, M. C. L. A.; DAMASCENO, P. R.; TERTO, L. M. S.; SILVA, R. R. **Arranjos familiares de crianças das camadas populares**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.8, n. esp., p.11-20, 2013.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BRASIL, Ministério da Educação. **Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

DIAS, Maria Olívia. A família numa sociedade em mudança: problemas e influencias recíprocas. In: **Gestão e Desenvolvimento**, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração: A família: santuário ou instituição sitiada?**. Paz e Terra, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & saúde coletiva, v. 17, p. 621-626, 2012.

PNAS - Política Nacional de Assistência Social - Institucional. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/assistencia-social/usuario/pnas-politica-nacional-de-assistencia-social-institucional> Acesso em 22.04.2024.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática: 1989.

SOUSA, Ana Paula de. FILHO, Mario José. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. Universidade Estadual Paulista, Brasil. **Revista Iberoamericana de Educación**. n.º 44/7 – 10 de enero de 2018.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 2016.